

— ESCRITORES GAÚCHOS —

SÉRIE DIGITAL

ARMINDO TREVISAN

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

José Ivo Sartori

Secretário de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer

Victor Hugo Alves da Silva

Diretora do Instituto Estadual do Livro

Patrícia Langlois

Conselho Editorial do IEL

Antonio Sanseverino, Carlos Alexandre Baumgarten, Charles Kiefer, Dilan Camargo, Jacira Fagundes, Luís Dill, Marco Cena, Monique Revillion, Patrícia Langlois (Presidente), Rubem Penz, Ruben Castiglioni, Sergio Borja, Vera Teixeira Aguiar

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puente, 318 – Porto Alegre (RS) – CEP 90035-150

Fone: (51) 33146450

ESCRITORES GAÚCHOS
SÉRIE DIGITAL
ARMINDO TREVISAN



Porto Alegre, 2018

Edição:

Estevão Cogoy

Editoração e capa:

Sérgio Oliveira de Campos

Entrevista:

Luís Dill

Foto da capa:

Dulce Helfer

Fotos do texto:

Dulce Helfer, acervo pessoal do escritor e acervo do IEL

ISBN 978-85-7063-389-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

E74

Escritores gaúchos - série digital : Armindo Trevisan. [livro eletrônico]. / Porto Alegre : Instituto Estadual do Livro, 2018. 36 p.

(Coleção Escritores Gaúchos)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader ou outro leitor de pdf.
Modo de Acesso: <<http://www.iel.rs.gov.br>>

1. Trevisan, Armindo : biografia. 2. Literatura sul-rio-grandense.
I.Título.

CDU: 928 (TREVISAN)

SUMÁRIO

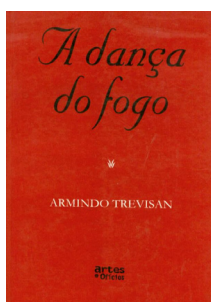
LISTA DE OBRAS.....	06
RELATOS.....	08
As três fases da poesia de Armindo Trevisan.....	09
José Eduardo Degrazia	
O poeta que faz rodopiar o sol.....	14
Alcy Cheuiche	
Armindo Trevisan - O badalo que caiu de um sino.....	18
Alexandre Brito	
A surpresa de ser Armindo Trevisan.....	19
Ricardo Silvestrin	
Armindo Trevisan – Militante do Sensível	20
José Paulo Eckert	
ENTREVISTA.....	23
TRECHOS DA OBRA.....	29

ARMINDO TREVISAN

(n. Santa Maria, 6 de setembro de 1933)



LISTA DE OBRAS



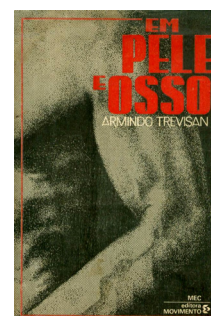
A surpresa de ser - 1967

A imploração do nada - 1971

Funilaria no ar - 1973

Corpo a corpo - 1973

O abajur de Píndaro / A fabricação do real - 1975



Em pele e osso - 1977

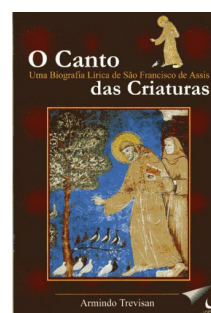
A Escultura dos Sete Povos - 1978

O ferreiro harmonioso - 1978

O rumor do sangue - 1979

A mesa do silêncio - 1982

Escultores contemporâneos do Rio Grande do Sul - 1982



O moinho de Deus - 1985

Antologia Poética - 1986

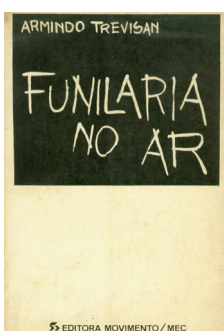
A Dança do sozinho - 1988

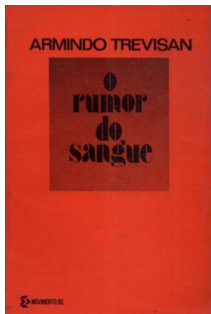
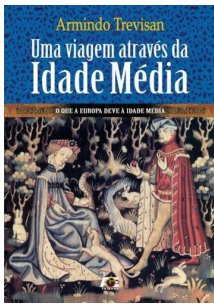
Como apreciar a Arte - 1990

Reflexões Sobre a Poesia - 1993

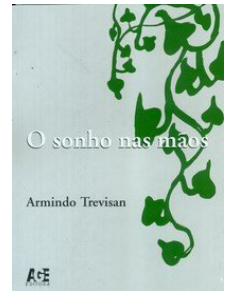
A dança do fogo - 1995

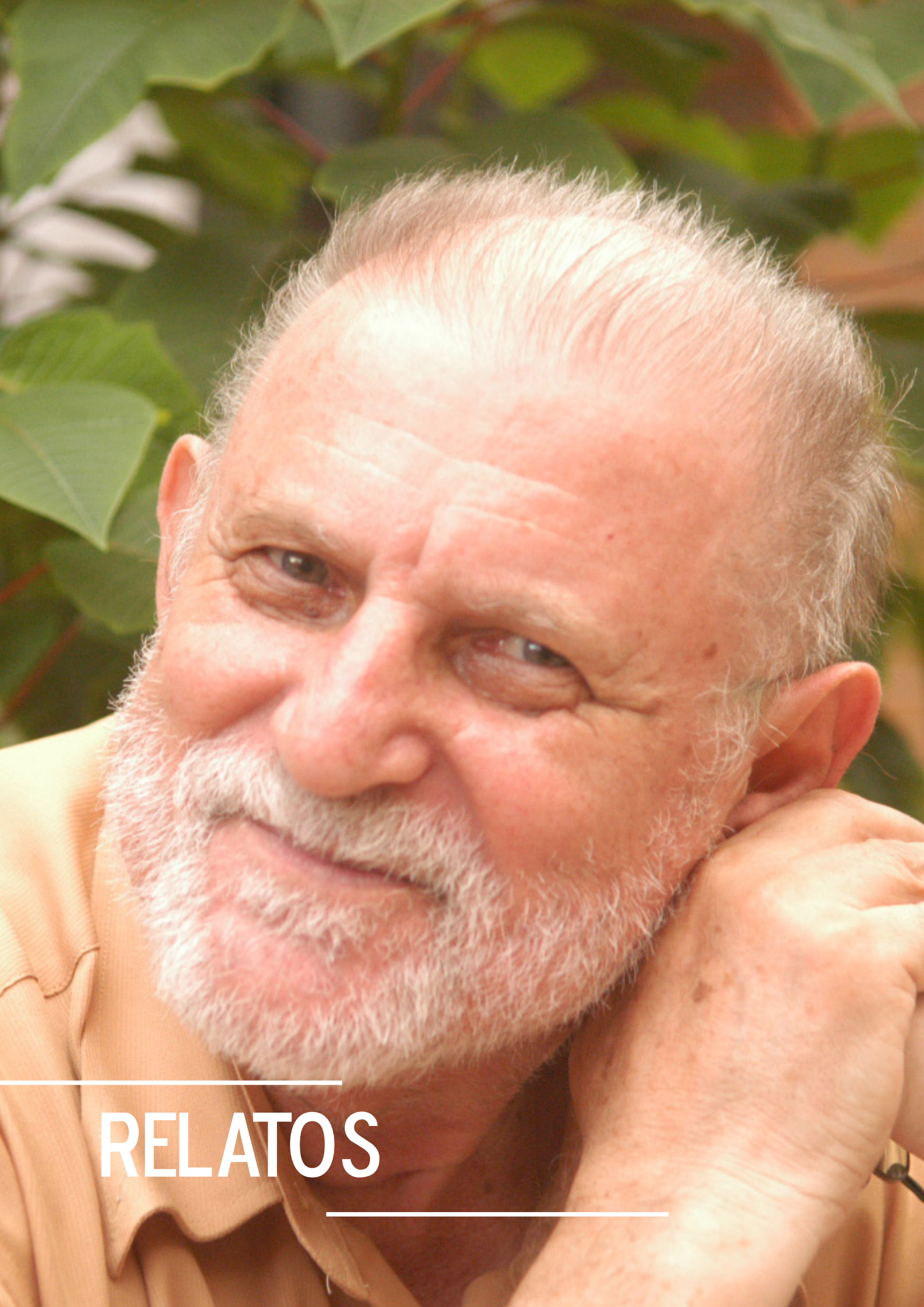
A Sombra Luminosa - 1995





- Os olhos da noite - 1997**
Mário - 1998
O canto das criaturas - 1998
Missões Jesuítico-Guarani - 1999
A Poesia: uma iniciação à leitura poética - 2000
A Poesia na Bíblia - 2001
A serpente na grama - 2001
Antologia Poética (1967-2001) - 2001
O Rosto de Cristo - 2002
O sonho nas mãos - 2004
Mario Quintana, poeta gaúcho e universal - 2006
Cartas à minha neta - 2007
Adeus às andorinhas - 2008
Vamos aprender poesia? - 2008
Menor que um grão de mostarda - 2009
Ler por dentro - 2010
Adega imaginária - 2013
Uma viagem através da Idade Média - 2014
O pó sas sandálias - 2017





RELATOS

As três fases da poesia de Armindo Trevisan

José Eduardo Degrazia

Não é finalidade deste trabalho analisar livro por livro a extensa produção do poeta, que já ultrapassa os 30 livros publicados, mas, sim, procurar evidenciar as fases criativas que atravessou. Penso que estas fases seriam três, a que vai de seu primeiro livro nos anos 60, caracterizada pela obra *A surpresa de ser*, até a segunda, nos anos 70, com *Em pele e osso*, e a terceira, que pode se dizer iniciar com *A mesa do silêncio*.

Desde *A surpresa de ser*¹ de 1967, vencedor do prêmio Gonçalves Dias com o júri formado por Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo, o poeta Armindo Trevisan vem produzindo uma obra reconhecida pelos críticos e pelos leitores. Sempre fiel a uma temática existencial e cristã – onde o anseio da salvação está embasado não em ideias voláteis, mas na realidade dos corpos e da carne. Uma poesia que nunca traiu este desejo de carregar consigo a humanidade das coisas simples e do dia a dia para o transcendente. O que mudou ao longo dos anos e desses mais de 30 livros publicados foi a maneira de encarnar a forma poética. Homem do seu tempo e ligado à realidade do mundo, não passou sem marcas profundas as tempestades sociais e políticas do Brasil. Sua poesia foi um laboratório onde corpo e alma, forma e conteúdo, debateram-se, nem sempre concordantes, partindo do lirismo intenso dos seus primeiros livros, onde o amor pelas coisas do mundo e pelo corpo da mulher são mediatizados por uma forma contida, filosófica, meditativa, até ao radical fechamento do poema nos livros participativos dos anos 70 e início dos 80. *Funilaria no ar*² de 1973 e, *Em pele e osso*³ de 1977, seriam livros paradigmáticos nesse sentido. O fechamento político, a censura do período, faz com que o poeta corte ao máximo o lirismo, atendo-se ao substancial,

cortando na própria pele para deixar à mostra o próprio osso da linguagem. Guilhermino Cesar⁴, em comunicação pessoal sobre a poesia dos anos 60, 70, dizia-me que em momentos de fechamento político e cultural a poesia dobra-se sobre si mesma, torna-se áspera e de certa forma alheia à comunicação imediata com o leitor. Um risco, portanto, para o poeta e para a poesia que Armino Trevisan consegue ultrapassar galhardamente, mesmo que nas palavras de Donald Schüler: “Trevisan realiza, em certo sentido, movimento inverso; da poesia existencial, lírica, para a poesia social. Sente que se tornou ilegítimo celebrar o corpo sem considerar a angústia que afligia o operariado brasileiro.”⁵ Esta vertente, que se agudiza em *Abajur de Píndaro e a fabricação do real*⁶ de 1975 e no já citado *Em pele e osso*, levando o poeta a um impasse em relação à linguagem, ou melhor dizendo, a contradição entre a dureza do mundo leva o poeta a tolher a palavra, o que acaba impedindo a completa enunciação do protesto pretendido. Como disse Donald Schüler no seu livro sobre a poesia no Rio Grande do Sul: “Embora as estrofes encontrem-se encadeadas, o discurso se mostra todo truncado, o que já se verifica na abundância de sinais de pontuação. Mas o truncamento é agravado pela falta de desenvolvimento lógico. Os segmentos parecem justapostos ao acaso da associação de que baldam os esforços de extrair inteligibilidade.”⁷ A poesia enovela-se buscando um sentido que parece perdido nos referenciais externos da realidade.

Regina Zilberman, no livro *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do sul*, mostra que o poeta, mesmo com a aridez buscada da linguagem, atinge o seu objetivo de aliar-se aos operários e de, ao mesmo tempo, fazer um trabalho de linguagem importante: “O poeta, segundo a descrição do texto, pertence a este paradigma da justiça, pois configura-se agente da transformação, solidário tanto à mudança social e à causa popular, como à renovação da linguagem que se faz revolucionária quando aliada aos temas da igualdade e da emancipação de todos(...)”⁸, tendo, portanto, o poeta atingido o pretendido em ação e trabalho formal.

Luís Augusto Fischer no *Literatura gaúcha*, de 2004, levanta uma outra hipótese para a dificuldade dos poetas em comunicar-se com o público leitor: “Os anos 1960 para a poesia em geral foram

anos duros, muito piores do que para os narradores, talvez. Além da ditadura, entrou em cena uma novidade cultural destinada a ter enorme sucesso estético nos anos seguintes: a canção popular informada pela Bossa Nova, síntese de enorme alcance no país e fora dele, capaz de reunir o melhor da tradição lírica com uma sofisticada elaboração musical.”⁹

Na página seguinte, completa o seu pensamento quanto aos poetas ditos de livro: “(...) eles tiveram que procurar seu lugar noutra parte, ou na poesia engajada, de denúncia, popular, de vez em quando panfletária, ou na poesia metafísica exigente e sofisticada.”¹⁰ Quase todos os poetas do período exploram uma ou as duas vertentes, e também a poesia sobre a própria poesia.

Nelly Novaes Coelho introduz outra vertente no quadro da produção poética dos anos 60 no livro que escreveu sobre Carlos Nejar – *Carlos Nejar e a geração de 60*, publicado em 1971: “Poesia como conhecimento de linguagem, do homem e do mundo, é o que vai identificar, em sua diversidade, a produção poética da década de 60, cujo ritmo essencial é, indiscutivelmente, o épico.”¹¹ Se para Carlos Nejar esta situação cabe perfeitamente em grande parte dos seus livros iniciais, em Trevisan também se apresenta aqui e ali nas obras de participação popular e política desta segunda fase.

Vemos que Trevisan realizou nestes anos uma obra que procurava combater a desumanidade da ditadura e da censura, com um trabalho que mesclava o cotidiano a um ideal maior coletivo. Saindo do *corpo* individual e sua sensibilidade, para alcançar o movimento das massas sociais e seus imperativos. Quanto ao trabalho formal, nota-se que este fechamento e desbastamento da linguagem na busca do essencial acabou levando a um beco sem saída, não só para Trevisan, mas como para quase todos os poetas do período. Trevisan, parece que ouvindo o que disse Donald Schüler no livro já citado: “Parece que os versos padecem de asfixia por falta de espaço. Entre a abundância de *A surpresa de ser* e a economia de agora a diferença é enorme. Para onde irá o poeta se continuar por esta via? Teremos condições de acompanhá-lo, ou todas as pontes terão ruído?”¹²

Na poesia de Armindo Trevisan as pontes não foram queimadas e nos encontramos numa terceira fase que nos leva a ver o retorno

(mas não o abandono das formas exploradas e os conteúdos dos anos 70) de uma poesia mais lírica, mais musical e ligada ao essencial das pessoas e da vida. Também o retorno ao religioso e ao caminho da fé, no homem – que nunca abandonou – e em Deus. Torna o poeta à sua própria tradição de carnalidade e alma, de corpo e espírito, mas se não diminuído o combate entre estas situações, pelo menos a sabedoria levou o poeta a diminuir o conflito entre forma e conteúdo. Donald Schüller identifica esta volta ao prazer de criar formas melódicas e poéticas ao livro *A mesa do silêncio*¹³ de 1982. Esta fase, com intermitências, vem até o seu último livro *O pó das sandálias*¹⁴, de 2017.

É, pois, Armindo Trevisan um dos grandes poetas criadores da contemporaneidade brasileira. Sua obra variada e renovada não ficou presa ao determinado pela Geração de 60, mas a transcendeu, colocando em sua poesia o existencialismo religioso, a sensibilidade metafísica, a carnalidade amorosa e o engajamento social.

1. TREVISAN, Armindo. *A surpresa de ser*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1967.
2. TREVISAN, Armindo. *Funilaria no ar*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1973.
3. TREVISAN, Armindo. *Em pele e osso*. Porto Alegre: Ed. Movimento / MEC, 1977.
4. CESAR, Guilhermino. Comunicação pessoal ao autor.
5. SCHÜLER, Donald. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, p. 322, 1987.
6. TREVISAN, Armindo. *O abajur de Píndaro e a fabricação do real*. São Paulo: Edições Quíron/INL, 1975.
7. SCHÜLER, Donald; Op. cit., p. 325.
8. ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. p. 123. Porto Alegre: L&PM, 1985.
9. FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, p. 127, 2004.
10. FISCHER, Luís Augusto; Op. cit., p. 128.

11. COELHO, Nelly Novaes. *Carlos Nejar e a geração de 60*. São Paulo: Edição Saraiva, p. 44, 1971.
12. SCHÜLER, Donaldo; Op. cit., p. 329.
13. TREVISAN, Armindo. *A mesa do silêncio*. Porto Alegre: L&PM, 1982.
14. TREVISAN, Armindo. *O pó das sandálias*. Porto Alegre: Pradense, 2017.

O poeta que faz rodopiar o sol

Alcy Cheuiche

*O Mestre pode abrir a porta, mas só vocês conseguem atravessá-la.
(Pensamento Zen)*

Quando o Mário morreu, um comentarista entusiasmado disse por escrito: *Com Quintana morre a poesia do Rio Grande do Sul*. Ao que fui obrigado a replicar (também por escrito): *Vai ler Armindo Trevisan, meu infeliz amigo*.

Realmente, um mestre como Armindo Trevisan passa todo o tempo nos abrindo a porta da poesia, mas só nós podemos entrar nessa caverna cheia de tesouros. Por exemplo, quando ele diz: *A amante é um sol que rodopia*, infelizes dos que não entendem a metáfora e ficam parados na escuridão. Nós, seus leitores, vamos rodopiar com ela, inundados de luz.

Um dos grandes momentos iluminados de Armindo foi quando Ivete Brandalise, naquele seu programa famoso, na TV Educativa, perguntou-lhe se não fora uma perda para o cristianismo a sua saída da Igreja: *Não, amiga, a Igreja perdeu um mau sacerdote, mas ganhou um bom cristão*. Definição magnífica, a qual meu primo Antônio Cheuiche, que foi bispo da Igreja Católica, não concordava na primeira parte, e estava certo. Armindo nunca foi mau; não tem vocação para isso, qualquer que seja a acepção da palavra.

A verdade é que, desde jovem, além da paixão por Cristo, Armindo deixou-se conquistar por todas as verdadeiras manifestações da sensibilidade humana, tornando-se um mestre na História da Arte. Ainda vivendo em sua querência, Santa Maria da Boca do Monte, seus olhos se abriram para as pinturas sacras de Locatelli. Mais tarde, na flor dos trinta anos, inundou as retinas curiosas no Louvre e em outros templos da pintura e da escultura, quando andarilhou como estudante na Europa, principalmente em Paris. E como a arte é uma só, aprendeu a traduzir em poesia as emoções de todas as musas. *As nove irmãs num prato azul, uma romã entre os dentes*.

Sim, mas ao contrário de Perséfone, a filha de Deméter, que, ao morder a romã, abriu seu caminho para o reino de Hades, Armino subiu ao Parnaso como poeta quando descobriu o amor em sua plenitude. Foi quando vestiu de versos a mulher amada, afastando-se do *demônio entre o retinir das esporas e o redondo dia*, entregando sua vida e seu talento à *harmonia da carne, último gole de ar nas narinas do mundo*.

Fez deslizar sua poesia pela placidez dos lagos e corcovear no perigo das cataratas, chegando ao auge do poema carnal cristão em *Acalanto para Marilyn Monroe*:

*De repente
no teu seio
cresceu um lírio do campo.*

*São Francisco, com sua mão
de menino, o recolheu.*

*São Bernardo, a sós, olhou
o teu corpo inteiro como
se olha
um grande girassol.*

*Vieram santos, donzelinhas
de pescoço decepado;
Santa Catarina trouxe
sua roda rubra e egípcia.*

*Tua coxa foi ficando
do tamanho azul da lua,
e tu mesma, mais lunar,
ficaste de todo nua.
O mundo inteiro grasnou
que eras bela, que possuías
um morango em cada poro,
uma flor em cada pelo.*

*Banqueiro: por que me fitas?
Governador: que desejas?
O repórter, não me comas!*

*Tornei-me tão pequenina
que o pecado que morava
em mim deixou-me sozinha
com Deus e comigo, livre.*

*Na distração dessa hora
engoli todas as pílulas
que uma mulher necessita
para sair deste mundo.*

*Livre, livre,
bela bela
recuperei o meu corpo
nascido antes de mim.*

Em meio século de poesia, Armindo Trevisan vem sendo acarinhado pela admiração de muitos leitores de língua portuguesa e de outros privilegiados que podem lê-lo em alemão, francês, inglês, italiano e em outros idiomas. Sua obra foi admirada por alguns poetas já maduros de versos, como Drummond, Bandeira e o próprio Quintana, do qual foi *cúmplice* durante longos anos. Também é um dos privilegiados a quem Erico e Mafalda Verissimo abriam sorrindo as portas de sua casa na Rua Felipe de Oliveira (outro famoso poeta de Santa Maria que morreu, em Paris, no mesmo ano de 1933 em que nasceu Armindo).

Para mim, Armindo Trevisan, com sua generosidade, reservou algumas palavras transcritas no número oito da coleção *Autores Gaúchos*, do nosso IEL, talvez as mais lindas que recebi na minha vida de escritor. Disse ele que sou *um dos ficcionistas do Rio Grande do Sul mais identificados com sua gente, seus ideais de cara limpa, suas noites estreladas.*

É verdade, meu amigo. Como tu és, além disso, identificado com todos os homens e mulheres de boa vontade, crentes ou descrentes,

portadores de todos os matizes da pele humana, unidos por todas as nuances do amor, fazendo, com tua poesia, rodopiar o próprio sol.

Armindo Trevisan -

O badalo que caiu de um sino

Alexandre Brito

Minha admiração por Armindo Trevisan começou antes de conhecê-lo pessoalmente, por seus poemas, especialmente de *Funilaria no ar* e *O ferreiro harmonioso*, que, à época, me pareceram muito distintos dos de sua geração. Quando em 1990 recebi a incumbência de editar a Coleção Petit-Poa, para a Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, tratei logo de criar um conselho consultivo para orientar a Coleção. Seu nome foi dos primeiros, juntamente com os de Donald Schüller, Ricardo Silvestrin, José Eduardo Degrazia, Celso Gutfreind e demais integrantes.

A este pretexto aconteceu meu primeiro encontro com Armindo Trevisan, ocasião em que pude desfrutar de sua fala expressiva, acesa de um entusiasmo revigorante e de sua afabilidade, cortesia, na verdade uma espécie de severidade benevolente, própria daqueles que observam o mundo, e as pessoas, após jornada intelectual austera, de um ponto filosoficamente decantado em seu íntimo.

Com estas impressões na memória, seu semblante, tom e timbre de voz, passei a ler seus poemas, como que oralizados por ele próprio em minha imaginação. Foi assim que passei a ler poemas pelos quais os olhos de Murilo Mendes passaram. Poemas que João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector e Érico Veríssimo percorreram. Os mesmos poemas sobre os quais os olhos de Alejandra Pizarnik se debruçaram.

Armindo Trevisan e sua devoção pela palavra. Armindo Trevisan e o poema tomado como escritura sagrada. Há sim uma religiosidade imanente na poesia de Armindo Trevisan, mas digo de uma religiosidade que vem de credo algum. Um "religare" que nos toma e transporta às profundezas da linguagem. Uma religiosidade sem margens, onde os signos podem ser escritos. E que funda o sentido, para além do que pode ser dito... "como o badalo que caiu de um sino".

A surpresa de ser Armindo Trevisan

Ricardo Silvestrin

Quem escreve como Armindo Trevisan? Se pegarmos livros como *A mesa do silêncio*, um dos pontos mais altos de sua obra, é difícil achar companhia para o poeta. A singularidade da sua construção de imagens, aliada a um dizer surpreendente, destoa tanto da poesia puramente imagética quanto de um verso mais coloquial. A visão ao mesmo tempo religiosa, filosófica e erótica do mundo também o coloca num caminho próprio. Mas, mesmo atingindo um refinamento e uma originalidade, o poeta continuou se questionando. Procurou trazer mais comunicabilidade a sua poesia. Quem clamava por isso a não ser ele mesmo? Porque nós, seus leitores, já estávamos satisfeitos. Mas Trevisan, na sua produção mais recente, encontrou no epigrama a base para seu desejo de mais comunicação. O resultado é um aprofundamento da presença do pensador, do crítico das mazelas sociais e políticas, temas que, talvez, não encontrassem tanto espaço na sua trama de imagens. Também aflora um sentimento de *nonsense* e alguns lances bem-humorados. Talvez, nesse momento, Trevisan queira amenizar a solidão estética da sua presença na poesia brasileira. No entanto, mesmo se valendo de procedimentos criativos mais encontráveis em outros poetas, há a marca do seu olhar que confere a tudo uma “surpresa de ser”, como já se anunciava no título de seu livro de estreia.

Armindo Trevisan – Militante do Sensível

*José Paulo Eckert**

Na análise da obra de Armindo Trevisan, decantar as camadas da juventude seminarista e dos estudos em teologia, da razão do filósofo, do premiado poeta ou da argúcia do crítico e historiador da arte, apenas para citar suas facetas mais próximas do público, sabemos, não passa de puro recurso metodológico em uma tentativa de abordar sua rica trajetória. No âmbito desta publicação e do público em geral, devido a uma maior consolidação do campo e volume de estudos, tem maior destaque o aclamado poeta; contudo, no Rio Grande do Sul, poucos podem perceber-se como tão historicamente relevantes, não apenas na poesia como também no estudo das artes plásticas.

Armindo Trevisan foi professor de História da Arte e Estética na UFRGS, Porto Alegre, de 1973 a 1986, e também lecionou no Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma universidade até 1999. Antes disso, estudou Teologia, doutorou-se em Filosofia em 1963 pela Universidade de Fribourg, Suíça, com *Ensaio sobre o Problema da Criação em Henri Bergson* e, em Portugal, foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1969 e 1974.

Esta rápida citação de longos períodos de estudo não dão conta da intensa produção substancial em quantidade e qualidade e que contribui de maneira muito relevante para o estudo das artes visuais no estado. Os veículos nos quais esta produção foi apresentada vão de críticas em jornais, revistas e catálogos de exposição a livros que, devido a sua boa recepção, viram sua importância sedimentada em mais de uma edição.

Não foi apenas a diversidade de suportes que o texto de Trevisan cotejou, mas também a de temas, em obras a respeito da obra do pintor Aldo Locatelli, em *O mago das cores* (1998), no qual é organizador e autor, a arte abstrata com *A dança do sozinho: uma análise da Arte Abstrata* (1988), a escultura no estado em *Escultores Contemporâneos do Rio Grande do Sul* (1983) e *A escultura dos Sete Povos* (1978); a arte

*Mestre em História e graduando em História da Arte na UFRGS, Analista em Assuntos Culturais

de temática cristã com *A Sombra Luminosa: Ensaios de Estética Cristã* (1995) e *O Rosto de Cristo: a formação do imaginário e da Arte Cristã* (2003), e em um livro de introdução à sensibilidade estética, o magistral *Como apreciar a Arte - do saber ao sabor: uma síntese possível* (1990).

É difícil ou mesmo vão, já que se apresenta um recorte circunstancial, apontar qual destes trabalhos é o mais importante. Arrisco dizer que, dentro do contexto sul-brasileiro, seja a análise da estatuária missioneira em *A escultura dos Sete Povos*. Lançado apenas cinco anos antes de a UNESCO declarar como Patrimônio Mundial o sítio de São Miguel Arcanjo e de uma discussão pertinente e atualizada para o momento, indicando o traço indígena na expressão estilística barroca missioneira. Lembremos, neste sentido, de que até bem poucos anos antes da publicação da obra, parte da intelectualidade rio-grandense era relutante em afirmar os Sete Povos como parte do patrimônio cultural do estado.

Mas se pode ser dúbia a tarefa de apontar qual dos trabalhos de Armindo Trevisan até o momento é o mais relevante, não há dúvida em concluir qual sua missão: é um militante do sensível, característica que perpassa tanto sua obra poética quanto acadêmica. Ainda na introdução de *A escultura dos Sete Povos*, sentencia: "o que um autor diz das artes visuais só tem valor porque ele, de alguma forma, sente"; passadas décadas depois deste livro, já em *Como apreciar a Arte*, recomenda sentar-se, depois olhar, olhar, depois sentir, sentir, depois pensar e inebriar-se de ludicidade, de uma emoção que é sensível, criadora, prazerosa. Um prazer do sensível só possível a partir da comunhão, como aponta em poema em homenagem a Rembrandt, do olhar que *regira* o objeto artístico e por ele é interrogado.

Imagine-se na década de oitenta em uma sala de aula com o mestre e apenas a luz do projetor de slides a reproduzir obras canônicas da arte ocidental. As leituras de imagem promovidas são de uma linguagem exímia, sem perder a humildade e generosidade que lhe são características, e com isso ele consegue romper estigmas e aproximar novos olhares por parte dos alunos; mas o professor, leitura após leitura e para surpresa dos alunos, mantém os olhos fechados. Talvez a lembrar com devoção o prazer estético sentido ao se deparar com as obras originais, talvez a seguir o exemplo de uma das mentes mais brilhantes da arte no século XX, Josef Albers, que como o próprio Trevisan nos lembra em *Como apreciar a Arte*, dizia: "Prefiro ver com os olhos fechados".

Então, para além do grande número de escritos produzidos até então por Armindo Trevisan, e que ainda carecem de uma análise de fôlego, está este encantador caminho militante, devocional e incondicional, do prazer estético e artístico.



ENTREVISTA

Quando você percebeu que se tornaria escritor?

Creio que, inicialmente, não houve em mim um momento em que percebi que eu era - ou me tornaria, um escritor!

Comecei escrevendo textos para revistas de circulação interna de estudantes, isto num ambiente de Seminário. Tais textos eram impressos a álcool mediante mimeógrafos. Com o passar dos anos, fui convidado a colaborar para uma revista mensal religiosa, "Rainha dos Apóstolos". Nela eu publicava histórias de bichos, que serviam de pseudônimos a personagens humanos. Tratava-se de textos humorísticos. Só mais tarde, ao redigir uma biografia sobre Santa Maria Goretti, impressa na Tipografia La Salle de Canoas, comecei a ser considerado "escritor". Eu mitificava, sem dúvida, a condição do escritor. Custei a aceitá-la como realidade pessoal. Acho que só passei a me considerar escritor em 1964, quando obtive o "Prêmio de Poesia Gonçalves Dias", instituído pela União Brasileira de Escritores, para comemorar o Centenário de Nascimento do grande Poeta, filiado ao Romantismo, autor de *I-Juca-Pirama*. Com a publicação do livro de poemas *A Surpresa de Ser*, pela Editora José Álvaro do Rio de Janeiro, assumi que eu tinha me tornado um escritor, uma vez que a partir desse prêmio os jornais começaram a falar um pouco sobre mim.

Qual seu processo de trabalho?

Elementar, sem dúvida... Como é que se aprende a nadar? Em geral nadando... e bebendo um pouco de água, às vezes quase se afogando... Foi o que aconteceu comigo! Nem sei explicar bem o que aconteceu. Depois que alguém aprende a nadar - ou a fazer qualquer outra coisa - o negócio é praticar o que se aprendeu. Houve professores que me estimularam. Impondo-me redações nas aulas de português. Sejamos, também, sinceros: certa vaidadezinha funcionou! Era "bonito" o nome da gente aparecer numa página impressa de jornal ou revista!! Mais tarde, lá pelos 16 ou 17 anos, um diretor de jornal de Santa Maria, o Clarimundo Flores, jornalista polêmico, brigão, ainda que talentoso, famoso por suas manchetes agressivas, simpatizou comigo, e resolveu me dar

oportunidade para publicar artigos no seu combativo Diário do Estado, o qual se opunha ao jornal A Razão, um jornal de maior gabarito. Ambos eram publicados em Santa Maria. A partir dessa data, deslanchei. Veio o Jornal do Dia, órgão católico editado em Porto Alegre. Neste diário publiquei uma série de ensaios, incluídos no seu Suplemento Dominical. Quase na mesma época, consegui que publicassem poesias de minha autoria no Bric-à-Brac do Nilo Tapecoara, no Correio do Povo. Este jornal era, então, "o jornal" do Rio Grande do Sul. Com a obtenção do Prêmio da União Brasileira de Escritores, e o apoio de escritores amigos como o Érico Veríssimo e o Mário Quintana, fui adiante. Vocês podem repetir a pergunta: "Qual seu processo de trabalho? Que resposta eu daria atualmente? Não sei. Acho que me tornei escritor por uma espécie de fatalidade... Alguma coisa dentro de mim me empurrava nessa direção!

Quais são suas principais referências literárias?

A primeira foi descobrir, graças a três sacerdotes palotinos, dois deles professores de português e literatura no curso ginasial – refiro-me ao P. Artur Soldera e ao P. Roberto Nascimento – um gênio chamado Machado de Assis. O bruxo simplesmente me fascinou! Com ele, outro romancista me encantou: Érico Veríssimo. Houve outro sacerdote, da mesma Congregação, que me fez descobrir os poetas Parnasianos e Românticos, entre eles Castro Alves e Gonçalves Dias, mas também outros poetas, como Anchieta, Casimiro de Abreu e o melodioso Guerra Junqueiro. Esse sacerdote foi o Padre Pedro Luiz Bottari. Não me perguntem mais a respeito! Sou devedor a mil e um escritores, já que sempre me interessei por todos eles. Imaginem: um dia alguém me falou em Miguel Torga e seus "Contos da Montanha"... Bastou a menção para eu adquirir o tal livro. Outra pessoa citou-me Rainer Maria Rilke. Fui atrás desse poeta. Devo dizer que o Padre Bottari, que era um sonetista de valor, me chamou a atenção para inúmeros poetas. Houve até alguém que teve a ideia de sugerir-me a leitura de "No Galpão" de Darcy Azambuja. Não esqueçam uma coisa: os verdadeiros "motores" de minha vocação literária foram, na verdade, dois: a Bíblia e alguns contos das *Mil e Uma Noites*, que vim a conhecer numa tradução publicada por uma editora de livros de bolso, a Technoprint... A poesia religiosa dos hinos litúrgicos,

também, teve decisiva influência em mim! Existirá um poema religioso mais belo que a Salve Rainha, que Simões Lopes Neto apreciava como uma joia do lirismo mundial?

Algum hábito na hora de escrever?

No começo ficava tenso, nervoso... Mais tarde me acostumei à "Inspiração", que, para mim, nada mais é que uma vontade irresistível de escrever qualquer coisa, a qual aos poucos se transforma numa coisa determinada, por exemplo, num poema, numa "estória"... Um xícara de café, às vezes, ajuda, mas não muito. O resto, perguntem ao meu Anjo da Guarda!

Quando você sabe que o livro está pronto?

Um livro nunca fica pronto na opinião de um escritor! O escritor, às vezes, decide sem saber como e por que cansou de aprimorar o que vinha escrevendo, e resolve terminar com o assunto. No fundo, sua decisão assemelha-se à de uma cozinheira: cheira um pouco a panela, queima um pouco os dedos, no fim das contas, o escritor pega uma colher e experimenta o que compôs. Uma espécie de gosto lhe dá a pobre certeza de que o prato está razoável... Às vezes, o escritor fica envaidecido, e pensa ter feito algo de especial. Não tarda a decepcionar-se. Só muito mais tarde, talvez se lembre de ter ouvido de um Professor da Universidade de Fribourg na Suíça a seguinte lição de humildade: "Um dia, meu caro, talvez aconteça que você se admire de si mesmo, e diga: **"Como eu era inteligente naquele tempo..."**"

Ainda existe originalidade em literatura?

A **originalidade** existirá enquanto existir um autor que sinta dentro de si a urgente e inadiável necessidade de expressar o que sentiu. A originalidade não é fruto de uma busca! A originalidade é quem busca o autor. O orador pode ser feito, o poeta, e o verdadeiro escritor nascem. Nascem, paradoxalmente, com a ajuda do próprio bebê que deve nascer...

O passar do tempo ajuda a escrever ou o nível de exigência torna o processo mais complicado?

O tempo só complica. O tempo enche de minhocas a cabeça do escritor. O verdadeiro escritor, no fim de sua carreira, dirá depois de chegar ao Nobel que descobriu ser pequeno, que fez algo de bom, mas não de excepcional. No fim de sua carreira, o escritor se sente pequeno, descobre a humildade, e começa a pedir desculpa de não ser tão genial como até então se considerava. Só no fim de um grande sucesso, o escritor verdadeiro descobre que outros escritores foram mais geniais que ele. Só então começa a admirar-se de não ter admirado mais seus modelos. Manuel Bandeira, no fim da vida, sentia-se insignificante perante Dante!

O mundo virtual está mudando a maneira de escrever livros?

Acho que sim. Mas o mundo virtual está mudando principalmente **a maneira de ler livros**. Blaise Pascal dizia que cada livro impõe sua maneira de ser lido. Cada livro deve ser lido ou devagar ou depressa, ou muito devagar, ou muito depressa, ou nem devagar nem depressa... Como então? Não é uma pergunta que deve ser feita ao autor; é uma pergunta que deve ser feita ao livro!

Qual a proporção ideal entre ler e escrever?

É melhor ler que escrever. É melhor ler muito, e escrever pouco. É melhor não escrever livro nenhum a escrever um livro que não suscite dúvidas, alguma emoção, algum amor. É melhor só escrever forçado, e ser constrangido a ler o que se escreveu. É melhor escrever depois de pedir a Deus que nos ajude a não escrever o que já foi bem escrito. É melhor escrever unicamente o que imaginamos não ter sido escrito por ninguém – e o que imaginamos, com maior lucidez e delírio, que podemos escrever com algum engenho e arte essa porção inédita.

Qual aviso você daria aos novos autores?

Que não se considerem autores antes do tempo, que não desanimem antes do tempo, que não morram antes do tempo!



TRECHOS DA OBRA

SE FOSSE DIA AMOR

Se fosse dia Amor e o espinho rebentasse
da terra dos claros olhos da terra

e fosse espinho em silêncio no meio

das palavras e as palavras doessem
no lugar dos dedos onde a lisura da pele

estoura em rocio sob o casco dos cavalos

ah se fosse silêncio entre a carne
e o espírito e a flama cobrisse os lábios

e os nervos atrelassem ao sol as coisas

e elas ardessem na língua do mundo
eu te apertaria Amor contra uma nebulosa

e te extrairia da boca de Deus

quando Ele te soprou para a morte
em meus braços em meus braços cobertos

do musgo de mil outros braços.

Do livro "Corpo a corpo" (1973)

CANTO À MATERNIDADE

Dorme, minha mãe, em meus braços como a lua
na clareira de um bosque. Ali estou
à tua espera desde que teu ventre se aligeirou
com meu peso. Teu sono é meu sono,
povoado com os sonhos que esqueceste
no sangue. Visto-te com as folhas
dos suspiros que não nasceram.
Além de mim
te reconquisto
em cada flauta de álamo
ou pluma de chuva. Dorme, senhora,
neste espaço que já foste em mim,
e hoje sou no alpendre
de tua boca
fechada como um favo.

Do livro "A mesa do silêncio" (1982)

AGONIA

Estás perdido? Tu, que tens a vida
nas mãos, pequena flama que te deram,
de uma noite de amor tão bem nascida?

Não te persuades de que anoiteceram
teus nervos. Tristes deles! São gavinhas
que as uvas nos seus cálices perderam.

Agora, sobre o azul, as andorinhas
escrevem coisas vãs que o vento apaga.
Tens saudades de coisas comezinhas:

um pátio, uma laranja, brilhos n'água.
Entretanto, ainda estás vivo. É boa hora
para viver. Mergulha em tua mágoa,

até arribares aos jardins da aurora.
Dentro da dor te espera uma surpresa,
como um casulo em que uma larva mora.
Assenta-te, sem medo, à sua mesa:
come e bebe de tudo subsiste
à volta do teu leito. Guarda, acesa,

a flama que te deram. Eia! assiste
a qualquer coisa que não é a morte,
e também, não é alegre, nem é triste.

PASSO A PASSO

Ó tu, que pensas conhecer
os hectares de tua amada,
não esqueças de beijar-lhe
os macios lóbulos carnosos
das orelhas.

Perto deles deles atocaiam,
melodiosas e vermelhas,
as palavras que ela não diz,
porque pertence ao sabiá
gorjear quando é feliz.

A bela, que bebe seu licor,
saboreia um luxurioso torpor,
o mole desatar de um nó
que depois do amor a deixa
ainda mais só,
mas atada a horizontes
que a aproximam, novamente,
do mundo e das criaturas.

Do livro "Adega imaginária" (2013)

MENINO DORMINDO

Estarei me iludindo?
Não!
É realmente um menino
que está dormindo
ao meu lado,
neste café
de mercado público,
onde uma jovem mulher
come às pressas
um sanduíche.
A mulher
é sua mãe.
Seu ar, um tanto abstrato,
de fêmea feliz
a transforma numa macieira,
em cujas ramagens acaba de aparecer
uma maçã,
a que inaugurou sua fertilidade.
O que me espanta
não é a mulher feliz:
é o neném que dorme!
Dorme,
dorme,
dorme,
como se o mundo fosse
seu brinquedo,
como se nenhum homem existisse
sobre a terra,
como se ninguém jamais tivesse dormido
neste mundo,

dorme pela primeira vez,
embora à vista de todo o mundo.
É um pequenino embrulho
de ossos e nervos:
mil vezes mais complexo
que toda a maquinaria
inventada pelos homens
desde a alavanca de Arquimedes
ao computador de John von Neumann.
Dorme! Meu Deus, ele dorme!
Dorme com a inocência do mundo
sobre seus ombrozinhos,
que mal suportam uma mosca,
ou um beija-flor.

Do livro "Adega imaginária" (2013)

